



Anna, querida,

Essa mensagem vai com a urgência que o momento impõe e exige. Vai com a pressa de tecer a conversa, rápido - como quem trama uma rede. Com a ansiedade de quem lança alguns fios e espera que em resposta venham outros, oblíquos, atravessados, imperfeitos. E torce para que a urdi-dura se firme, densa e pronta a sustentar esse algo que não descobrimos ainda como chamar - desejo? -, mas que sabemos ser a única força capaz de fazer face à violência.

Mas para isso, Anna, seria necessário que as palavras deslizassem em minhas mãos como linhas, para em seguida resvalarem pelas frestas do meu teclado - e logo, em outra cidade, rebrotassem de sua tela, sinuo-sas. No seu lugar.

Esse desenho que assim se faria entre nós - no mundo -, vejo-o decli-nar-se infinita e diversamente em muitas de suas obras. Em uma espécie de geometria do encontro, ele desdobra-se em linhas e retas, em cruz, em pontos. Em zigue-zague. Em fios curvos, em rasgos.

Nos *Mapas Mentais* de 1971, a trama aparece, exata, ainda que ponti-lhada. O sisudo quadriculado ortogonal estabelece fronteiras e fixa lugares, como o faz a geopolítica mundial (assim como aquela, mínima, de cada uma de nossas vidas). Mas as demarcações são rompidas por palavras como "sex", "joy", "sorrow", "restlessness", "tropic", "Italia", "Latin America" e muitas outras, em uma espécie de poema visual autobiográ-fico (falo de *Capítulo I*). Um dos quadrados traz apenas um ponto de interrogação. Me pergunto quais seriam suas palavras e signos gráficos, hoje - nesta espécie de mapa / grade de ferro que voltou a cerrar-se ao nosso redor. E como você o "rasgaria", ou nele abriria um ponto ou um ângulo pelo qual pudéssemos nos esgueirar e fugir.

Diferente de mim, Anna, você viveu a guerra, a penúria, a imigra-ção - e tudo isso entremeia e compõe a teia de sua poesia, em camadas de tempo e acontecimentos que são absolutamente íntimos e, no entanto, radicalmente comuns. "Há homens, mulheres e crianças caminhando na linha do horizonte", você escreve em *Sotto Voce* "Um; nenhum; cem mil... / São imigrantes". Eles continuam caminhando, sim, na linha do horizonte - esse traço de que você me falou certa vez, contando uma espécie de devaneio poético que lhe ocorreu muitos anos atrás: uma linha partiria de seu umbigo e atravessaria o espaço, até unir-se ao fio do horizonte. Ao te ouvir, multipliquei no pensamento as linhas de cada um/a de nós

e imaginei o emaranhado móvel que nos circunda, invisível (e que talvez pudesse desenhar uma outra definição de política). Projetei no ar - um tanto delirante, talvez - os diversos horizontes que tais linhas traçam a cada momento, dependendo de nosso lugar no tempo e no espaço. E perguntei-me onde estamos.

Acho que é hora de pedir *Um Momento por Favor*, como você faz em um filme concluído em 2004. Que te parece? De trazer voz e pele, singulares, para invadir a tela impessoal e supostamente neutra que hoje ocupa todo o espaço. E de fazê-las cantarolarem e gritarem, como você faz, com a voz - e com a pele - de uma mulher.

Uma. Mulher.

É tão difícil afirmá-lo, Anna, isso que no entanto é evidente. Difícil afirmá-lo de modo a negar todo e qualquer sexismo, a implodir as categorias que delimitam nosso campo de ação, nossa vida. Em uma entrevista de 2015 à revista *Arte & Ensaios*, você conta que um crítico, certa vez, disse que você trabalhava com os argumentos óbvios do cotidiano, do feminino. Você foi então aos dicionários, e descobriu que um dos significados da palavra "óbvio" é "resistir".

Acho que essa é uma torção poética importante em sua obra: fazer do costumeiro, algo grandioso (penso no ovo, Anna, e em *Entrevidas*). Pegar o comum com a mão e deixar nele uma marca quase banal, mas única (junto com um pouco de suor, como em suas peças de barro cru). Repetir um elemento mínimo da vida, até ele tornar-se um universo (penso ainda nas meia-luas de barro a transbordarem de uma cama de casal, em Kassel). Resistir, no mais íntimo de cada coisa - de barro, de papel, de cimento, de carne e osso. No âmago da voz, tornada pio e logo canto de pássaro, tornada riso anônimo e, assim, timbre de todos nós.

"Sou tudo e não sou nada", você diz em *Eu sou Eu*, "mas tenho corpo / menstruo todo mês / sou mulher". Corpo-sangue, esse que não se domestica sob o olhar do outro e escorre e mancha o mundo. Bem sei que você não se identificava com o léxico feminista dos anos 1970, mas quero provocá-la, se você me permite, a pensar outro modo de resistência que sua obra põe em ato, e que talvez possa redefinir o feminismo hoje, com radicalidade: a potência de fazer sangrar a própria linguagem. De fazer de cada signo uma mancha móvel, uma marca sinuosa e singular, feita da equação imprevisível entre corpo a se mover e tinta a dançar sobre o horizonte instável do papel ou da tela. Penso nas *Ações Matéricas* e nas *Codificações Matéricas*, além de outras séries que se fazem nos anos 1990/2000,

como a inventar códigos impossíveis de decifrar, rompendo as fronteiras entre letra, pintura e desenho de modo a refazer a língua com o corpo. Com aquele corpo, único, de mulher, naquele lugar, que é o seu, ainda que seja nômade e sempre estrangeiro. Aqui, a caligrafia vence o código e a significação, ao mesmo tempo em que o corpo e o sangue invadem as mãos. O seu, o meu, o próprio de cada uma põe-se assim em jogo com o acaso, para dobrar a linguagem imposta e redesenhá-la de modo infinito e absolutamente singular, a cada mancha.

Bueno, Anna, ou *ecco* - para misturar línguas como só você faz, em um multilinguismo de si que é, me parece, a resposta ao monolinguismo do outro - espero ter conseguido aqui inscrever um pouco da enorme aflição que me toma hoje, e da pulsação poética que sua obra nela introduz, com ritmo e perplexidade. Não consegui inserir nesta superfície os poros da pele, algum balanço do corpo, fiapos de voz - meus e seus, nessas nossas entrevidas de mulher. Mas minhas mãos tremem levemente, Anna, na expectativa de ler suas reações e nelas voltar a encontrar a fidelidade inabalável àquilo que você declara em outra entrevista - desta vez à Helena Tatay, em 2012 -, quando menciona o anseio de fazer uma arte que expresse "um mundo a favor da vida, um espaço de futuro". Um horizonte.

Ao terminar de digitar "horizonte", de repente imagino um breve gesto de sua mão, em curva, a enrolá-lo e lançá-lo no céu como um laço, Anna querida. Como uma linha solta, a dobrar-se no ar. Como um pequeno espaço de futuro onde a gente possa ter lugar.

Com carinho,

T.

Querida Tania,

Neste momento de incertezas, de isolamentos forçados, é essencial que alimentemos o desejo com intensa multiplicidade. São os sonhos, os desejos, que nos trarão de volta ao mundo dos vivos e, quem sabe, nos farão reencontrar a nossa essência humana escondida como brasa debaixo das cinzas. É urgente reavivar a chama e, no seu calor, achar os atributos de um mundo possível à realização dos sonhos. Pergunto-me como será o futuro por vir, pois a pandemia nos desalojou da nossa vida como vinha sendo. Com o passado obscurecido, faz-se preciso fazer escolhas certas no presente, escolhas que possam apontar para um vir a ser mais humano, longe da barbárie e da violência.

Sim, é preciso traduzir em palavras nossos pensamentos mais íntimos. Mas, como? Os telefonemas e uso do *zoom* entre os amigos e familiares filtram as nossas energias, e os argumentos ficam opacos, sem vida, sobrando-nos apenas a saudade. Além disso, a falácia dos políticos não para nos bombardeios intermináveis dos noticiários. O que dizer?

Hoje, se eu fosse realizar mais um novo capítulo da série dos *Mapas Mentais*, iniciada em 1971, o intitularia *NÓS*. Bastaria-me, para realizá-lo, um campo imaginário branco, como uma folha de papel, sem demarcações, "sem margens". Seria um campo aberto, infinitamente expandido, infinito como o universo. De norte a sul, de leste a oeste, desenhado sem loteamento, sem quadriculados, sem fronteiras. Um grande lembrete comunitário de emoções estaria impresso junto com poesias, mais o pensar dos filósofos para iluminar um pouco estes tempos sombrios. Infinitos seriam os poemas participantes do mapa mental de agora. Sem dúvida, colocaria o *Inferno*, de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri; os *Homens Ocos*, de Eliot; *O Guardador de Rebanhos*, de Fernando Pessoa (Alberto Caeiro), e tantos outros. Incluiria também os excelentes textos das canções da música popular brasileira, que tanto amo. Entre muitos poemas, escolheria por identificação: Eu-mulher, da poetisa Conceição Evaristo. Ela diz:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida

me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes - agora - o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo

Em 2010, na exposição individual: *Anna Maria Maiolino, Videos and Photographs from the 70-80s*, na Galleria Raffaella Cortese, Milão, Itália, em meu intróito escrito para a exposição, digo: “Eu, como artista, estou permanentemente no movimento devir outra”. Essa capacidade de câmbios metamórficos, físicos e psicológicos, é uma característica do corpo feminino. Nosso corpo, por conta da menstruação, se transforma todo mês (assim como nosso humor), mas nada disso muda nossa destreza e competência com a vida. A mulher é uma natureza que procria, ela tem uma matriz, eu acredito que ela naturalmente foi dotada para o cuidar. Para mim, todos os aspectos da vida, desde os mais prosaicos, são relevantes.

Será que o humanismo tem raiz no feminino? Clarice Lispector, no livro *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, diz que o óbvio é a verdade mais difícil de se enxergar.

É certo que o óbvio, em diversos momentos do desenvolvimento de minha obra, tornou-se um grande propulsor do trabalho. “Coisas de mulher” era a forma como, no passado, em muitas ocasiões, foi visto o trabalho de arte feminino. Para mim, trabalhar o óbvio, o prosaico, o trivial do cotidiano, temas que socialmente foram ostensivamente desqualificados, significou resistir e fazer frente aos modos impositivos e masculinos da produção artística. No começo da década de 1970 acrescentei a prática da escrita ao meu trabalho, e foi de grande contribuição à minha obra.

Dei início a pequenos poemas como *Expiro - aspiro*, de 1971, e *a Flor*, de 1975:

*“no verde
a flor arde
na cor”*

São poemas simples, sucintos, valorizando o entorno e a natureza, próximos do haikai japonês.

Depois de todas as restrições que estamos vivendo, gostaria de escrever perguntas e interrogações na superfície do mapa *NÓS*, como: Será que logo mais a humanidade iniciará um novo capítulo da sua história, longe da barbárie e da violência? A ética dos antigos e o amor ao próximo serão restabelecidos? O pão cotidiano estará na mesa de todos? Teremos nós, os artistas, compreendido a grandeza dos frutos resultantes do ato criativo no uso do ofício, longe do mercado? Pois a obra de arte sempre fará aliança com o mundo, já que lhe é intrínseca sua ação política. Muitas seriam as perguntas.

Acho graça ver como a natureza nos provoca com as mutações do seu Coronavírus, justo a nós, humanidade petrificada nas convenções e na meritocracia, supostamente organizada e estabelecida.

Tens razão, eu cheguei ao Brasil vinda de longe, e vi vários horizontes. Desde minha mais tenra idade, à beira do mar mediterrâneo onde nasci, a linha do horizonte me provocava e ainda provoca divagações e desejos de compreender os mistérios do mundo. Diante de toda linha de horizonte minha consciência se subverte e desassossega de maneira profunda meu entendimento. Sentir e perceber são propriedades compartilhadas por toda a humanidade, desde o início dos tempos. Acredito que nossos ancestrais, tentando expressar o incompreensível do mundo, deram origem à arte, à poesia, aos ritos e mitos.

Nós sabemos que a linha e seus pontos são as partes gráficas fundamentais na realização do desenho. No entanto, a linha do horizonte é uma linha virtual, assim como tantas outras linhas presentes nas coisas do mundo visível aos olhos. Também a percebemos no nosso corpo através dos nossos movimentos; percebemos a energia da vibração de nossas pulsões vitais. Num maior entendimento de mim mesma, do entorno e da realidade, surgiu o devaneio poético registrado na poesia *A linha numa visão originária*, de 2001, que agora te envio (não tenho dúvida que os

atos poéticos surgem duma visão questionadora, e dão sentido ao que é intuído e visto):

“como um rio corre a linha
 atrás do carretel que rola sobre as lajotas do piso
 tabuleiro de xadrez
 frio piso de terracota
 um mais dois
 três pontos
 uma linha
 do ponto e da linha falou-nos Kandinsky lindamente
 basta recordar-lhe os pensamentos
 enquanto a mão indecisa apoia a pena no caderno
 “...o ponto é a ponte entre a palavra e o silêncio...”
 .
 lá está ele
 afirmando sua nudez na aparência solitária de morto-vivo que suplica
 movimento
 sem sentir a mão obedece-lhe
 multiplicando-se ele vive
 nasce a linha que o humaniza
 faz-se o desenho
 o som
 a escrita
 ele brilha na imensidão do firmamento
 é o sol que nos ilumina
 e lá se foi o fio
 atravessando a porta
 chegando até a cozinha
 livre e preso ao carretel de linha”

Numa pausa de lazer, utilizando-me de total liberdade, longe de toda imposição estética, surgiu o vídeo *Um Momento por Favor*. A sinopse que escrevi para este vídeo indica que: “Trata-se de um autorretrato, visível e sonoro; uma autorrepresentação em movimento, feita de partes do meu corpo. São cartografias corporais em movimento, traços da carne gasta. É um espaço corpóreo anti-erótico, no qual se ressalta e se revela todo o cansaço da matéria.”

Sim, precisaríamos, todos juntos, cantar como eu fiz nesse vídeo: em alta e boa voz; um hino à VIDA, porque ela resiste, apesar do cansaço com o presente que nos sufoca.

Beijos, annam